



Consulta do Conselho de Sinagogas e do Comitê dos Bispos para As | 30.09.2002

Reflexões sobre Aliança e Missão

Consulta do Conselho de Sinagogas e do Comitê dos Bispos para Assuntos Ecumênicos e Inter-religiosos 12 de agosto de 2002

PREFÁCIO

Durante mais que vinte anos, líderes das comunidades judaica e romano-católica nos Estados Unidos encontraram-se anualmente para discutir uma ampla série de tópicos que afetam as relações católicas-judaicas. Correntemente, os participantes nessas consultas em curso são delegados do Comitê dos Bispos sobre Assuntos Ecumênicos e Inter-religiosos da Conferência dos Bispos Católicos dos Estados Unidos (BCEIA) e o Conselho Nacional de Sinagogas (NCS). O NCS representa a Conferência Central dos Rabis Americanos, a Assembléia Rabínica do Judaísmo Conservativo, a União de Congregações Hebraicas Americanas e a Sinagoga Unida do Judaísmo Conservativo. A Consulta é co-presidida por Sua Eminência William Cardeal Keeler, o moderador para as relações católicas-judaicas, e o Rabi Joel Zaiman, da Assembléia Rabínica do Judaísmo Conservativo e o Rabi Michael Signer da União de Congregações Hebraicas Americanas. Os diálogos produziram previamente declarações públicas sobre assuntos tais como Crianças e o Ambiente e Atos de Ódio Religioso.

No seu encontro realizado em 13 de março de 2002 na cidade de Nova York, a Consulta de BCEIA-NCS votou em despachar publicamente as suas considerações, a fim de encorajar reflexão séria sobre esses assuntos pelos judeus e católicos em todo a área dos Estados Unidos. Depois de tomar tempo para refinar as declarações, as reflexões separadas romano-católicas e judaicas sobre os assuntos de Aliança e Missão serão apresentadas em baixo.

As reflexões romano-católicas descrevem o crescente respeito pela tradição judaica que se desenrolou desde o Concílio Vaticano Segundo. Uma apreciação católica, que se aprofundava, da aliança eterna entre Deus e o povo judaico, junto com um reconhecimento duma missão divinamente dada aos judeus para testemunhar o amor fiel de Deus, levou a conclusão que dirige a campanha de que visar os judeus para a conversão à Cristandade não seja mais teologicamente aceitável na Igreja Católica.

As reflexões judaicas descrevem a missão dos judeus e a perfeição do mundo. Essa missão é vista como tendo três aspetos.

Primeiro, há obrigações que surgem como resultado da amorosa eleição do povo judaico numa aliança com Deus.

Segundo, há missão de testemunho do poder redentivo de Deus no mundo.

Terceiro, o povo judaico tem uma missão que se dirige a todos os seres humanos.

As reflexões judaicas concluem instando em que os judeus e os cristãos articulem agenda comum para curar o mundo.

A Consulta NSC-BCEIA preocupa-se com a ignorância e as caricaturas continuadas de uns dos outros, as quais ainda prevalecem em muitos segmentos das comunidades católica e judaica. A esperança da Consulta é que essas reflexões sejam lidas e discutidas como parte dum processo em curso de incrementar o entendimento mútuo.

A Consulta NSC-BCEIA reafirma o seu cometimento para continuar aprofundando o nosso diálogo e promover amizade entre as comunidades católica e judaica nos Estados Unidos.

REFLEXÕES ROMANO-CATÓLICAS

Introdução

Os dons trazidos pelo Espírito Santo à Igreja através da Declaração *Nostra Aetate* do Concílio Vaticano Segundo continuam-se desembrulhar. As décadas desde 1965 testemunharam aproximação constante entre a Igreja Romano-Católica e o povo judaico. Apesar de que controvérsias e mal-entendidos continuem ocorrendo, tem havido um aprofundamento gradual de entendimento mútuo e propósito comum.

Nostra Aetate inspirou também uma série de instruções magistrais, incluindo três documentos preparados pela Comissão Pontifícia para as Relações Religiosas com os Judeus:

Guias e Sugestões para a Implementação da Declaração Conciliar Nostra Aetate 4 (1974);

Notas sobre o Modo Correto de Apresentar os Judeus e o Judaísmo na Pregação e Ensino na Igreja Romano-Católica (1985); e *Nós nos lembramos: Uma Reflexão sobre a Shoáh* (1998).

O Papa João Paulo II ofereceu muitos discursos, engajando-se em várias ações importantes que promoveram a amizade católica e judaica.

Foram também compostas numerosas declarações referentes a relações católicas-judaicas pelas conferências nacionais dos bispos católicos ao redor do mundo. Nos Estados Unidos, a conferência dos bispos católicos e os comitês desta despacharam muitos documentos relevantes, inclusive *Guias para as Relações Católicas-Judaicas* (1967, 1985); *Critérios para a Avaliação das Dramatizações da Paixão* (1988); *A Graça de Deus Dura para Sempre: Guias para a Apresentação dos Judeus e do Judaísmo na Pregação* (1988); e mais recentemente *Ensino Católico sobre a Shoáh: Completando Nós nos Relembramos da Santa Sé* (2001).

Inspeção dessas declarações católicas sobre as poucas décadas passadas, mostra que consideravam progressivamente mais e mais aspetos do complexo relacionamento entre os judeus e os cristãos, junto com o seu impacto sobre a prática da fé católica. Essa obra, inspirada por *Nostra Aetate* iniciou esse pensar citando Romanos 11,28-29, descrevendo o povo judaico como “muito querido por Deus, por causa dos patriarcas, desde que Deus não retoma os seus dons que deu ou a escolha que fez.” João Paulo II ensinou explicitamente que os judeus são “o povo de Deus da Antiga Aliança, nunca revogada por Deus”, “o povo do dia presente da aliança concluída com Moisés”, e “parceiros numa aliança de amor eterno que nunca foi revogada”.

O reconhecimento católico pós-*Nostra Aetate* da permanência do relacionamento com Deus da aliança do povo judaico, levou a uma nova consideração positiva da tradição judaica rabínica pós-bíblica, consideração essa que está sem precedente na história cristã. As *Guias* do Vaticano insistiram que os cristãos “devem esforçar-se a aprender por quais traços essenciais os judeus se definem a si mesmos à luz da sua própria experiência religiosa”. As *Notas* vaticanas louvaram o Judaísmo pós-bíblico por carregar “ao mundo inteiro testemunho - muitas vezes heróico - da sua

fidelidade ao Deus único, 'exaltando-O perante todos os vivos' (Tobias 13,4)". As *Notas* continuam referindo-se a João Paulo II, que exorta os cristãos que se lembrem "como a permanência de Israel está sendo acompanhada dum fecundidade espiritual contínua, no período rabínico, na Idade Média e nos tempos modernos, tomando o seu ponto de partida do patrimônio que compartilhamos por extenso, tanto que 'a fé e a vida religiosa do povo judaico, como professadas e praticadas ainda hoje, podem-nos ajudar muito para entender melhor certos aspetos da vida da Igreja' (João Paulo II, 6 de março de 1982)." Esse tema tem sido assumido em declarações pelos bispos dos Estados Unidos, tais como *A Graça de Deus para Sempre*, a qual informou os pregadores para "serem livres de haurir das fontes judaicas (rabínicas, medievais e modernas) no expor o sentido das Escrituras Hebraicas e dos escritos apostólicos".

A "fecundidade espiritual" do Judaísmo pós-bíblico continuou em países nos quais os judeus eram minúscula minoria. Isso era verdade na Europa cristã, ainda que, como o cardeal Ídris Cassidy notou, "a partir do tempo do Imperador Constantino, os judeus foram isolados e discriminados contra o mundo cristão. Havia expulsões e conversões forçadas. A literatura propagava estereótipos [e] a pregação acusava os judeus de qualquer idade de deicídio". Esse sumário histórico intensifica a importância do ensino das *Notas* vaticanas de que "A permanência de Israel (enquanto tantos povos antigos desapareceram sem traços) é fato histórico e sinal a ser interpretado dentro do projeto de Deus".

O conhecimento da história da vida judaica na Cristandade causa textos bíblicos tais como Atos 5,33-39 que sejam lidos com olhos novos. Nessa passagem o fariseu Gamaliel declara que só empreendimentos de origem divina podem durar. Se o princípio do Novo Testamento estiver sendo considerado pelos cristãos de hoje para ser válido para a Cristandade, então precisa ser logicamente também valer para o Judaísmo pós-bíblico. O Judaísmo Rabínico, que se desenvolveu depois da destruição do Templo, precisa também ser "de Deus".

Além dessas considerações teológicas e históricas, nas décadas desde *Nostra Aetate*, muitos católicos foram abençoados com a oportunidade de experimentar pessoalmente a rica vida religiosa do Judaísmo e os dons de santidade de Deus.

A Missão da Igreja: A Evangelização

Tais reflexões sobre as experiências da eterna vida de aliança com Deus do povo judaico levantam perguntas sobre a tarefa cristã de dar testemunho dos dons de salvação, os quais a Igreja recebe através da sua "nova aliança" em Jesus Cristo. O Concílio Vaticano Segundo resume a missão da Igreja como segue:

Enquanto ajudando ao mundo e recebendo muitos benefícios disso, a Igreja tem uma intenção singular: que o reinado de Deus venha, e que a salvação de toda a raça humana venha a se realizar. Pois qualquer benefício que o Povo de Deus, durante a sua peregrinação terrestre, puder oferecer à família humana, origina-se do fato de que a Igreja é "o sacramento universal de salvação", simultaneamente manifestando e exercendo o mistério do amor de Deus pela humanidade.

Essa missão da Igreja pode ser resumida em uma palavra: evangelização. O papa Paulo VI deu a definição clássica: "A Igreja aprecia que evangelização significa levar a boa nova a cada setor da raça humana, assim que, pela sua força, pode entrar nos corações dos homens, renovando a raça humana." A evangelização refere-se a um complexo de realidade que, por vezes, está sendo mal entendido, reduzindo-a somente à procura por novos candidatos para o batismo. É a continuação da Igreja na missão de Jesus Cristo, o qual incorporou a vida do reinado de Deus. Como o Papa João

Paulo II o explicou:

O reinado é a preocupação de cada um: indivíduos, sociedade e o mundo. Trabalhar para o reinado significa reconhecer e promover a atividade de Deus, a qual está presente na história humana e a transforma. Construir o reinado significa trabalhar para a liberação do mal em todas as suas formas. Em uma palavra, o reinado de Deus é a manifestação e a realização do plano de Deus de salvação em toda a plenitude desta.

Deve ser enfatizado que a evangelização, o trabalho da Igreja pelo reinado de Deus, não pode ser separada da sua fé em Jesus Cristo, em quem os cristãos encontram o reinado “presente e cumprido”. A evangelização inclui as atividades da Igreja de presença e testemunho; comprometimento ao desenvolvimento humano e liberação humana; culto, oração e contemplação cristãos; diálogo inter-religioso; e proclamação e catequese.

Essa última atividade de proclamação e catequese - o convite para comprometimento da fé em Jesus Cristo e para entrar, através o batismo, na comunidade dos fiéis, a qual é a Igreja” - estão sendo, por vezes, pensados como sendo sinônimos da “evangelização”. No entanto, isso é construção muito estreita, sendo de fato só um entre muitos aspectos da “missão evangelizadora” no serviço do reinado de Deus. Assim, os católicos que participam no diálogo inter-religioso, destituído de qualquer intenção, seja qual for, de convidar o parceiro de diálogo ao batismo, estão sendo, não obstante, testemunhando a sua própria fé no reinado de Deus incorporado em Cristo. Isso é forma de evangelização, modo de engajar-se na missão da Igreja.

A evangelização e o povo judaico

A Cristandade tem um relacionamento sem par com o Judaísmo, porque “as nossas duas comunidades religiosas são conexas e estreitamente relacionadas no próprio nível das suas respectivas identidades religiosas”.

A história de salvação esclarece o nosso relacionamento especial com o povo judaico. Jesus pertence ao povo judaico, inaugurando a Igreja dentro da nação judaica. Grande parte das Sagradas Escrituras, que nós cristãos lemos como a palavra de Deus, constituem patrimônio espiritual que compartilhamos com os judeus. Conseqüentemente, qualquer atitude negativa a respeito dessas deve ser evitada, já que “a fim de ser bênção para o mundo, os judeus e os cristãos precisam primeiro ser bênção uns aos outros”.

Na esteira de *Nostra Aetate*, houve apreciação católica aprofundada em muitos aspectos do nosso ligamento espiritual único com os judeus. Especificamente, a Igreja Católica chegou a reconhecer que a sua missão de preparar para a vinda do reinado de Deus é uma que é compartilhada com o povo judaico, mesmo que os judeus não concebiam a sua tarefa cristologicamente como o faz a Igreja. Assim, as *Notas vaticanas de 1985* observam:

Atentos ao mesmo Deus que falou, pendurados na mesma palavra, temos de testemunhar a mesma memória e esperança única comum nEle que é o mestre da história. Temos também de aceitar a nossa responsabilidade de preparar o mundo para a vinda do Messías, colaborando juntos para a justiça social, o respeito pelos direitos das pessoas e nações e

para a reconciliação social e internacional. A isso estamos sendo impelidos, judeus e cristãos, pelo comando de amar o nosso vizinho, por uma esperança comum pelo Reinado de Deus e pela grande herança dos profetas.

Se a Igreja, portanto, compartilha numa tarefa central e definidora com o povo judaico, quais são as implicações para a proclamação cristã da Boa Nova de Jesus Cristo? Devem os cristãos convidar os judeus para o batismo? Essa é questão complexa, não só em termos da autodefinição teológica cristã, mas também da história de cristãos batizando judeus a força.

Num notável e ainda mais pertinente papel de estudo, apresentado no sexto encontro do Comitê Internacional Católico-Judaico de Ligação em Veneza faz vinte-e-cinco anos, o professor Tommaso Federici examinou as implicações missiológicas de *Nostra Aetate*. Argüiu, em razões históricas e teológicas que, na Igreja, não deveria haver organizações quaisquer, dedicadas à conversão de judeus. Isso foi de fato, durante os anos seguintes, a prática da Igreja Católica.

Mais recentemente, o cardeal Walter Kasper, presidente da Comissão Pontifícia para Relações Religiosas com os judeus, explicou essa prática. Numa declaração formal, feita primeiro no décimo sétimo encontro do Comitê Internacional Católico-Judaico de Ligação em maio de 2001 e repetida mais tarde no mesmo ano em Jerusalém, o cardeal Kasper falou de “missão” num sentido restrito significando “proclamação” ou o convite ao batismo e à catequese. Mostra porque tais iniciativas não se dirigem apropriadamente aos judeus:

O termo missão, no seu sentido próprio, refere-se à conversão de deuses falsos e ídolos ao Deus verdadeiro e único, o qual se revelou na história de salvação com o Seu povo eleito. Assim a missão, no seu sentido estreito, não pode ser usada a respeito dos judeus, que crêem no verdadeiro e único Deus. Portanto, e isto é característico, existe diálogo, mas é que não existe qualquer organização missionária católica para os judeus.

Como o já temos dito, o diálogo não é mera informação objetiva, diálogo envolve a pessoa inteira. Somente no diálogo os judeus dão testemunho da sua fé, testemunho daquilo que os apoiava nos períodos escuros da sua história e da sua vida, e os cristãos dão conta da sua esperança que têm em Jesus Cristo. Fazendo isso, ambos estão longe de qualquer espécie de proselitismo, mas ambos podem aprender uns dos outros, enriquecendo uns aos outros. Nós ambos queremos compartilhar as nossas preocupações mais profundas por um mundo muitas vezes desorientado, o qual precisa tal testemunho e o procura.

Do ponto de vista da Igreja Católica, o Judaísmo é religião que nasce de revelação divina. Como o cardeal Kasper notou, “a graça de Deus, a qual é a graça de Jesus Cristo segundo a nossa fé, está disponível para todos. Portanto, a Igreja crê que o Judaísmo, isto é a resposta fiel do povo judaico à aliança irrevogável de Deus, é salvífico para eles, porque Deus está sendo fiel às Suas promissões.”

Essa declaração sobre a aliança salvadora de Deus é completamente específica para o Judaísmo. Se bem que a Igreja Católica respeite todas as tradições religiosas, podendo, através do diálogo com elas, discernir as influências do Espírito Santo e, se bem que creiamos que a infinita graça de Deus esteja certamente disponível a fiéis de outras fés, é só sobre a aliança de Israel que a Igreja possa falar com certeza do testemunho bíblico. Isso é porque as escrituras de Israel formam parte do nosso cânon bíblico, possuindo “valor perpétuo ... o qual não tem sido cancelado pela interpretação posterior do Novo Testamento”.

Segundo o ensinamento romano-católico, tanto a Igreja como o povo judaico permanecem em

aliança com Deus. Nós ambos, portanto, temos missões diante de Deus a empreender no mundo. A Igreja crê que a missão do povo judaico não está restrita ao seu papel histórico como o povo do qual Jesus nasceu “segundo a carne” (Rm 9,5) e de quem os apóstolos da Igreja vieram. Como o cardeal Joseph Ratzinger escreveu recentemente: “A providência divina ... tem obviamente dado a Israel uma missão particular nesse ‘tempo dos gentílicos’.” Somente o próprio povo judaico, porém, pode articular a sua missão “à luz da sua própria experiência religiosa”.

No entanto, a Igreja percebe que a missão do povo judaico *ad gentes* (às nações) continua. Essa é uma missão que a Igreja também persegue no seu modo próprio de acordo com o seu entendimento da aliança. O mando do Jesus Ressuscitado em Mateus 28,19 de fazer discípulos “de todas as nações” (grego = *etnê*, o cognato hebraico = *goyím*; isso é das nações que não sejam Israel) significa que a Igreja deve dar testemunho no mundo à Boa Nova de Cristo, como assim preparar o mundo para a plenitude do reinado de Deus. No entanto, a tarefa evangelizadora não mais inclui o desejo de absorver a fé judaica na Cristandade, terminando assim o testemunho distintivo dos judeus de Deus na história humana.

Assim, enquanto a Igreja Católica considera o ato salvador de Cristo como central para o processo da salvação humana para todos, também reconhece que os judeus já habitam na aliança salvadora com Deus. A Igreja Católica deve sempre evangelizar e vai sempre testemunhar a sua fé na presença do reinado de Deus em Jesus Cristo aos judeus e a todas as outras pessoas. Fazendo isso, a Igreja Católica respeita plenamente os princípios da liberdade religiosa e da liberdade da consciência, assim que convertidos individuais sinceros de qualquer tradição ou povo, incluindo o povo judaico, sejam bem-vindos e aceitos.

No entanto, agora reconhece que os judeus são também chamados por Deus para prepararem o mundo para o reinado de Deus. O seu testemunho do reino, o qual não se originou com a experiência da Igreja de Cristo crucificado e ressuscitado, não deve ser mutilado tentando a conversão do povo judaico à Cristandade. O testemunho distintivo judaico deve ser sustido, se os católicos e os judeus forem verdadeiramente para ser, como o Papa Paulo II o visionou, “uma bênção uns aos outros”. Assim está de acordo com a promessa divina expressa no Novo Testamento, que os judeus são chamados para “servirem a Deus sem medo, em santidade e retidão diante de Deus para todos os [seus] dias” (Lucas 1,74-75).

Com o povo judaico, a Igreja Católica, nas palavras de *Nostra Aetate*, “aguarda o dia, conhecido por Deus só, quando todos os povos clamarão a Deus com uma só voz, servindo-O ombro a ombro” (Sf 3,9; veja Is 66,23; Sl 65,4; Rm 11,11-32).

REFLEXÕES JUDAICAS

A Missão dos Judeus e a Perfeição do Mundo

Na procura sem fim de trazer sentido à vida, as comunidades, justamente como os indivíduos, tentam a definir a sua missão no mundo. Assim, certamente, o é para os judeus.

A missão dos judeus faz parte da missão tripartite que está radicada na Escritura, desenvolvendo-se nas fontes judaicas posteriores.

Há, primeiro, a missão de *aliança*: o ímpeto sempre-formativo para a vida judaica, do qual resulta a aliança entre Deus e os judeus.

Segundo, a missão de *testemunho*, pela qual os judeus se vêem (e são freqüentemente vistos por outros) como as testemunhas eternas de Deus da Sua existência e do Seu poder redentor no

mundo.

E terceiro, a missão de *humanidade*, missão essa que entende a história bíblica dos judeus como contendo mensagem a mais gente do que os judeus só.

A Missão da Aliança

Os judeus são a semente de Abraão, Isaac e Jacó, a incorporação física da aliança de Deus com esses ancestrais.

Abraão não só parte em viagem à Terra de Canaã depois de ser chamado por Deus, mas, quando tinha noventa anos de idade, Deus lhe aparece dizendo-lhe: “Anda nos Meus caminhos e seja imaculado. Vou estabelecer a Minha aliança entre Mim e ti, fazendo-te extremamente numeroso.” A aliança é descrita como “eterno, ... para ser Deus para ti e tua descendência por vir”. A aliança envolve a Terra de Canaã, a qual é posse eterna. Há símbolo físico da aliança: a circuncisão de todos os masculinos no oitavo dia das suas vidas.

A aliança é tanto física como espiritual. Os judeus são um povo físico. A aliança é aliança da carne. A Terra é lugar físico. Mas é também aliança do espírito, pois está conexa ao “andar nos Seus caminhos”.

Os judeus são um povo chamado à existência por Deus através eleição amorosa. Porquê Deus faria tal coisa? A Toráh nos conta a história dum Deus único que, diferente do Deus de Aristóteles, não era contente com contemplar a Si mesmo. É grande mistério, mas Deus que está essencialmente além da nossa percepção, quis um mundo em existência. Deu a Suas criaturas um único mandamento, o de não comer de certa fruta do Jardim de Éden. O quê, realmente, eles fazem? Comem a fruta.

E assim Deus, que decidira compartilhar o Seu eu inefável, foi negado. Não demorou muito até que a terra chegou a ser corrupta diante de Deus. E assim Ele começou de novo, destruindo a criação, juntando as águas primordiais e deixando somente Noaḥ e a família deste. Mas também isso não funciona, pois logo que estão fora da arca, Noaḥ se embriaga descobrindo-se. Outra vez ladeira abaixo - até a Toráh começa a história que funciona, isto é o coração da saga da Bíblia: a história de Abraão e da sua progênie, os judeus.

A aliança não é justamente promessa ou exortação geral para perfeição. Quando o Povo de Israel se tornou comunidade grande, tendo sofrido a servidão do Faraó, o povo está sendo redimido com milagres extraordinários. Chega ao Sinai, e a aliança ganha o seu conteúdo: as leis e estatutos dados aí e subseqüentemente na Tenda de Encontro.

Vistes que fiz aos egípcios, como vos carreguei em asas de águias, trazendo-vos a Mim. Agora, então, se Me obedecerdes fielmente, mantendo a Minha aliança, sereis a Minha possessão entesourada entre todos os povos. De fato, toda a terra é Minha, mas vós sereis para Mim um reino de sacerdotes e uma nação santa.

Para os judeus, isso é, não lisonja divina, mas sim o fardo de obrigação divina. E isto, então, é a definição teológica dos judeus: um povo físico chamado para viver num relacionamento especial com Deus. Essa relação tem conteúdo específico. Há recompensas pela sua observância, punições pelo seu abandono.

Tal visão dos judeus não é talhada para caber nas definições sociológicas normais dum povo, duma

comunidade ou tribo. É até possível que a maioria dos judeus sejam pouco confortáveis com essa sociologia teológica. As pessoas estão sendo usualmente mais satisfeitas com retratando os judeus ou como grupo étnico ou como comunidade de fé desatada dum povo. Mas isso não é a noção dos judeus na Bíblia e na literatura judaica posterior. Os judeus são, por melhor ou por pior, por mais ricos ou mais pobres, parceiros com Deus numa romance por vezes tempestuosa e por vezes idílica, num casamento amoroso que liga Deus e o Povo de Israel juntos para sempre, dando o significado mais profundo possível à existência judaica.

O resultado prático de tudo isso é que a primeira missão dos judeus é para com os judeus. Isso significa que a comunidade judaica está atenta a preservar a sua identidade. Como isso não acontece sempre naturalmente, é a razão porque os judeus falam uns aos outros constantemente sobre forças institucionais e a capacidade de comunidade de educar as suas crianças. Cria aborrecimento de casamento misto. Explica a paixão de estudar a Toráh. As estacas são altas na vida judaica e, para não abandonar Deus, a comunidade judaica gasta grande parte de energia olhando para que a comunidade de aliança funcione.

A Missão de Testemunho

Isaias atesta um papel que os judeus jogam, e que vai além deles mesmos. “Minhas testemunhas sois vós - declara o Senhor - o meu servo, a quem elegi.”

Os judeus são Suas testemunhas de que há um Deus no mundo, o qual é seu Criador, e que Ele é um único e que os ídolos não têm força - “A Mim cada joelho se deve dobrar e cada língua votar lealdade” - e que o poder de Deus é poder redentor, um mais temeroso do que seres humanos possam conceber.

Como se manifesta o poder de Deus? Na vida das nações, inclusive na caída e ascensão da nação de Israel. E está bem conhecido pela Toráh e nos livros proféticos que o sofrimento de Israel é entendido para ser um testemunho da aliança de Deus com Israel.

O que não está sendo entendido, pelo menos não bastante bem, é que Deus quer que as nações vejam a redenção de Israel, sendo impressionadas. Isso é, por exemplo, aquilo que Deus quer que o Faraó e o povo do Egito vejam. Não basta, aparentemente, redimir simplesmente o povo de Israel da servidão. A redenção está desenhada para ser pública, cheia de sinais e milagres. Pois é designada para ensinar à grande nação de Egito sobre o poder, a glória e o interesse do Deus de Israel no redimir escravos.

É também nesse sentido que o profeta Isaias fala dos judeus como “luz para as nações”. “Levanto as tribos de Jacó, restaurando os sobreviventes de Israel: Far-vos-ei também luz para as nações, *para que a Minha salvação possa alcançar os confins da terra.*” As nações verão a redenção do povo de Israel e se maravilharão. Aprenderão, portanto, se não o aprenderam antes, que o Senhor, o Deus de Israel, restaura o Seu povo e a Sua terra.

O arauto de alegria para Sião diz: “Deixa cada vale ser elevada, cada colina e monte abaixados. Deixa o solo rugoso tornar-se nível e os espinhaços chegarem a ser planos.” Isso não é retórica sobre alguma manifestação mística de Deus transformando a natureza. É intrépida linguagem figurada para falar sobre a criação duma estrada extraordinária para levar de volta o povo exilado à sua terra.

Quando gastarmos boa parte de tempo pensando sobre os nossos pecados, não é sofrimento aquilo que é a mensagem de Deus. A mensagem de Deus é o poder de arrependimento e o poder do Seu amor como manifestos na redenção de Israel. Uma das grandes necessidades da teologia, portanto, será desatar-se da mensagem de sofrimento. A grande mensagem de Deus é o poder de redenção. A grande esperança dos judeus é a sua redenção e a reconstrução do seu estado de nação. O

testemunho a ser dado à luz, é o testemunho de Deus que redime o Seu povo.

A Missão de Humanidade

A mensagem da Bíblia é mensagem e visão, não só a Israel, mas sim a toda a humanidade. Isaías fala duas vezes dos judeus como luz para os povos, e fizemos alusão, até agora, à sua declaração no capítulo quarenta-e-nove. Que outra coisa ele quer dizer, quando fala dos judeus como “povo de aliança e luz para as nações”? O comentador medieval, David Kimhi, vê a luz que vem, como a luz da Toráh que vem de Sião. Já que a luz da Toráh é paz, a luz que vem trazendo mensagem da bênção de paz, esta que deve reinar pelo mundo inteiro. A visão messiânica é: “E falará paz às nações.” Assim, Isaías nota que naqueles tempos “Ele julgará entre as nações, arbitrando para muitos povos. E baterão as suas espadas para serem relhas de arado e as suas lanças para podões.”

É erro é ser como Jonas, pensando que Deus está preocupado só com os judeus. Quando Jonas foi solicitado para ir a Nínive, a grande cidade gentílica, Jonas recusa o mando de Deus de dizer ao povo de Nínive que se arrependam. Só através de sofrimento é que aprende que a palavra de Deus é para os ninivitas também. Finalmente vai até lá, e o povo de Nínive convoca um jejum. Grandes e pequenos vestiram-se em panos de saco, até o rei. Não só jejuaram, pois a Bíblia diz que “voltaram atrás dos seus maus caminhos”.

Embora se pudesse ter pensado que Jonas teria sido impressionado pelo seu sucesso, ele é desolado - havendo provavelmente duas razões para isso. Primeiro, creu que o pecado deveria ser punido, e que as graças de Deus não deveriam levar embora aquela punição. E segundo, qual era o povo de Nínive? Que direito este tinha a esperar a preocupação íntima e o amor perdoador de Deus?

Jonas sai da cidade e se senta ao leste dela, fazendo uma tenda e sentando-se na sombra dela. E o Senhor faz um cabaço crescer acima dele, provendo sombra sobre a sua cabeça. Jonas era feliz! Até Deus ordenou um verme na alvorada do dia seguinte, que atacou a planta até que ela murchou. E, a seguir, Deus levantou um vento suave do leste, e o sol bateu sobre a cabeça de Jonas até que ele desmaiou. E desejou morrer.

A seguir, Deus diz a Jonas: “És tão profundamente irado sobre a planta? ... Preocupas-te com a planta, pela qual não trabalhaste e que não fizeste crescer, a qual apareceu de um dia para outro e pereceu um dia para outro. E Eu não Me deveria preocupar com Nínive, aquela grande cidade, na qual há mais que doze miríades de pessoas que ainda não sabem distinguir a sua mão direita da esquerda, e também muitos animais!”

O Deus da Bíblia é o Deus do mundo. As Suas visões são visões para tudo da humanidade. O Seu amor é amor que se estende a cada criatura.

O homem sofredor das Escrituras, Jó, não está sendo retratado de modo algum como se seria um judeu. Será isso para se surpreender? O sofrimento da humanidade não está limitado a um povo particular. A aliança possa fazer esse assunto particularmente desagradável para os judeus, mas todos nós tentamos chegar a termos com o problema dos retos que sofrem. Jó é um ser humano universal. A chamada de Deus de dentro do vendável é a chamada de Deus pelo mundo inteiro aos retos que tentarem entender o sentido do seu fado.

O Deus que amou Abraão - “Mas tu, Israel Meu servo, Jacó a quem escolhi, a semente de Abraão, aquele que amo” - ama todas as pessoas. Pois Ele é o Criador do mundo. Adão e Eva eram as Suas primeiras criações, sendo criadas muito antes do primeiro judeu. São criados “na imagem de Deus”, como o são todas as suas crianças para a eternidade. Somente a criação humana está na imagem divina.

Deus criou o mundo com somente um ser original, diz o Talmude, para ensinar que cada um que destruir uma única alma será como se teria destruído o mundo inteiro. E cada um que salvar uma única alma, será como se teria salvado o mundo inteiro. E ensina o conceito de paz no mundo, assim que ninguém deva dizer: o meu pai é maior que o teu pai.

“Não sereis como os etíopes para Mim, oh povo de Israel? Diz o Senhor. Não levei Israel da terra do Egito? E os filisteus de Caftor, e os arameus de Kir?” Todos são povo de Deus.

Quando Abraão levanta com Deus o assunto de justiça e graça divinas, argúi por causa do povo de Sodoma, um grupo pecaminoso. Abraão molda o seu desafio a Deus em termos de Deus agindo justamente. Os inocentes não deveriam sofrer. E o desafio não está sendo feito como resultado de qualquer relação especial que devolva a aliança que Deus fez com os judeus. Antes, a Bíblia assume que há justiça e graça divinas que prevalecem pelo mundo inteiro. Graça e justiça reinam, porque o Deus da Criação é o Deus de graça e justiça pelo mundo.

Quando Amos requer que “justiça role para baixo como água, e retidão como corrente poderosa”, é porque há um Deus do mundo inteiro que chama este à justiça. Quando Isaias pergunta retoricamente pelo que é o sentido do jejum religioso, responde que Deus quer que os seres humanos “percam as cadeias de maldade, para soltar os laços do jugo, para deixar os oprimidos andarem livres e para quebrar qualquer jugo. Não será partilhar o teu pão com os famintos, e que leves os pobres, que estão jogados fora, à tua casa? Quando vires os nus, que os cubras, e não te escondas da tua carne?”

O Judaísmo assume que todas as pessoas sejam obrigadas a observarem a lei universal. Essa lei, da qual se fala com os Sete mandamentos noáquicos, é aplicável a todos os seres humanos. Essas leis são: (1) o estabelecimento de cortes de justiça, assim que a lei vá reinar na sociedade, e as proibições de (2) blasfêmia, (3) idolatria, (4) incesto, (5) derramamento de sangue, (6) roubo e (7) comer carne de animal vivo.

Apesar do fato da aliança, Maimônides e os árbitros subseqüentes todos deixam claro que “os pios de todas as nações do mundo têm lugar no mundo por vir”.

Portanto, no Judaísmo, o valor absoluto dos seres humanos, a criação destes na imagem de Deus, bem como a preocupação dominante de Deus por justiça e graça, é a base de comunidade conjunta universal dos criados, comunidade essa chamada a responder ao amor de Deus amando os outros seres humanos, erigindo as estruturas de sociedade que maximizem a prática de justiça e graça, engajando-se sem fim na exigência religiosa de trazer cura ao mundo quebrado.

Uma das orações centrais do Judaísmo o põe neste modo: “Esperamos em Ti, Senhor nosso Deus, para ver prontamente a beleza do Teu poder, causar os ídolos passarem embora da terra e os falsos deuses serem derrubados, aperfeiçoar o mundo no Reinado do Todo-poderoso, onde toda a carne vai recorrer ao Teu nome, onde todos os maus da terra voltar-se-ão a Ti.”

Letòqên `olóm bemalkút Shadái, aperfeiçoar o mundo no reinado do Todo-poderoso. *Tiqún `olóm*, aperfeiçoamento ou reparo do mundo é tarefa conjunta de todos os judeus e de toda a humanidade. Embora os judeus se vejam como vivendo num mundo o qual está ainda irredento, Deus quer que as Suas criaturas participem no reparo do mundo.

Os Cristãos e os Judeus

Tendo examinado a noção tripartite de “missão” no Judaísmo clássico, há certas conclusões práticas que disso seguem, conclusões essas que também sugerem agenda comum para os cristãos e para os judeus.

Deve ser óbvio que qualquer missão de cristãos aos judeus está em conflito direto com a noção judaica de que a própria aliança é essa missão. Ao mesmo tempo, é importante enfatizar que não haja necessidade para as nações do mundo abraçarem o Judaísmo. Enquanto há variedades teológicas, tais como a crença na unidade de Deus, e virtudes sociais práticas que levem à criação duma sociedade boa, e que sejam possíveis e necessárias para a humanidade em geral para compreender, não requerem o Judaísmo a fim de redimir o indivíduo ou a sociedade. *Os pios de todas as nações do mundo têm lugar no mundo por vir.*

Justamente tão importante, porém, é a idéia de que o mundo precisa de perfeição. Enquanto os cristãos e os judeus entendem a esperança envolvida nessa perfeição bem diferentemente, ainda, se estamos aguardando pelo messias - como os judeus crêem - ou pela segunda vinda do messias - como os cristãos crêem -, compartilhamos a crença de que vivemos num mundo irredento que anela pelo reparo.

Porquê não articular agenda comum? Porquê não juntar as nossas forças espirituais para nos expressar e agir na base dos valores que compartilhamos em comum, e que levam a reparar o mundo irredento? Trabalhamos juntos, no passado, para avançar a causa da justiça social. Marchamos juntos por direitos civis; defendemos a causa dos operários e trabalhadores rurais; solicitamos o nosso governo a atender as necessidades dos pobres e dos sem lar; e apelamos aos líderes do nosso país para procurar desarmamento nuclear. Esses são somente uns poucos assuntos que nós judeus e cristãos temos dirigido em combinação de uns com os outros.

Para sugerir o que poderíamos ainda fazer juntos, vamos olhar para alguns modos concretos como o Judaísmo clássico toma idéias teológicas, transformando-as em modos de viver. E, se essas forem pedras num pavimento sobre o qual andarmos juntos, seremos capazes de formar uma estrada que seja uma rota que compartilhamos em comum em direção ao reparo da humanidade e à perfeição do mundo.

Alguns Pensamentos Talmúdicos Sobre o Reparo do Mundo

Se bem que a preocupação profética pelos necessitados seja bem conhecida, deverá ser enfatizado que está no Talmude que os específicos de fazer bem estão sendo expostos de tal modo que cheguem a ser as pedras angulares da vida.

Tsedòquóh (caridade) e obras de benevolência estão sendo pesadas na balança como iguais a todos os mandamentos da Toráh. A obrigação de caridade dirige-se aos pobres e as obras de benevolência dirigem-se aos pobres e os ricos. A caridade dirige-se aos vivos e as obras de benevolência dirigem-se aos vivos e aos mortos. A caridade utiliza o dinheiro da pessoa, enquanto as obras de bondade utilizam o dinheiro da pessoa e a pessoa mesma.

Já nos tempos do Talmude, instituições caritativas para cuidar dos pobres foram estabelecidas e parte essencial da vida de comunidade. Quando, por exemplo, a Mishnáh ensina que um judeu deve celebrar o sêder de Páscoa com quatro copos de vinho, ela nota que a verba pública (*tamhúí*) deve prover aquele vinho para os pobres. Os pobres devem celebrar e sentir a dignidade de serem pessoas livres - e isso é a responsabilidade da comunidade. No entanto, ainda que as instituições caritativas sejam parte central da vida comunitária, Maimônides esclarece que a forma mais alta de caridade é fazer possível para alguém ganhar meio de vida ele mesmo.

A larga seção do Talmude que trata de lei civil e criminal, *Neziqín* ou *Danos*, especifica e protege a compensação de trabalhadores. Dá forma concreta para as proibições da Toráh contra juros, estendendo as leis que proíbem juros incluindo muitos tipos de transações financeiras que parecem ser juros, mesmo se não o são. Tudo isso está sendo feito a fim de criar uma economia, onde as pessoas sejam encorajadas a ajudarem uma à outra financeiramente como expressão do seu companheirismo comum, antes de modo de fazer dinheiro. Instrumentos financeiros estão sendo

criados que capacitem as pessoas sem fundo a chegarem a ser parceiros com outros antes de serem emprestadores - outra maneira de proteger a dignidade humana, encorajando o desenvolvimento duma sociedade, onde essa dignidade seja manifesta na vida cotidiana.

Atos de bondade que são requeridos e desenvolvidos em detalhe pela lei, incluem as obrigações de visitar os doentes e confortar os lamentantes. Os judeus estão sendo exortados para remir os cativos e prover para noivas, sepultar os mortos e dar as boas vindas às pessoas na sua mesa. O Talmude detalha a obrigação dos judeus a mostrarem deferência aos velhos. “Levantar-se” e mostrar sinais especiais de respeito aos velhos são respostas aos problemas físicos do envelhecimento. Enquanto o próprio senso de dignidade diminuir, a sociedade está sendo exortada a reforçar a dignidade do indivíduo.

Naturalmente, a lei judaica se dirige aos judeus, sendo a sua primeira preocupação encorajar a expressão de amor aos membros da comunidade. Não trata de sentimentos mas, principalmente, de ações. Ma é importante notar que muitas dessas ações são mandatárias a respeito de todas as pessoas. Assim o Talmude diz: “A gente deve prover pelas necessidades dos pobres gentílicos como dos pobres judaicos. A gente precisa visitar os doentes gentílicos como visita os doentes judaicos. A gente precisa cuidar do enterro dum gentílico, justamente como a gente precisa cuidar do enterro dum judeu. [Essas obrigações são universais] porque esses são os modos de paz.”

Os modos da Toráh de paz manifestam resposta prática à criação sagrada da humanidade na imagem de Deus. Ajudam a aperfeiçoar o mundo no Reinado do Onipotente.

A humanidade não precisa dum caminho comum que procure os modos de paz? A humanidade não precisa duma visão comum da natureza sagrada da nossa existência humana, a qual possamos ensinar à nossas crianças e a qual possamos nutrir nas nossas comunidades a fim de promover os modos de paz? A humanidade não precisa cometimento da sua liderança religiosa, dentro de cada fé e para além de cada fé, para juntar as mãos e criar elos que inspirem e guiem a humanidade a chegar à sua promessa sagrada? Para os judeus e os cristãos que ouviram a chamada de Deus para serem bênção e luz para o mundo, o desafio e a missão são claros.

Nada menos deve ser o nosso desafio - e isso é o verdadeiro sentido da missão em que todos nós precisamos compartilhar.